

Etnografia virtual como caminho na pesquisa sociológica?¹

Gabriela Pecantet Siqueira²

Recebido em dezembro de 2021

Aceito em maio de 2024

RESUMO

O objetivo deste artigo foi tecer reflexões sobre o uso da etnografia virtual no campo sociológico a partir dos critérios estabelecidos pela matriz disciplinar da Antropologia, no qual o método possui suas raízes. Para tanto, realizou-se uma revisão da literatura a respeito da etnografia clássica, por oferecerem parâmetros sólidos para o desenvolvimento do fazer etnográfico, e também sobre as peculiaridades que envolvem as dinâmicas *online* e o etnografar virtualmente. Para aprofundar o estudo, também foi apresentada algumas considerações a partir da realização de pesquisas exploratórias desenvolvidas em três grupos em redes sociais virtuais. A etnografia virtual guarda potencialidade para o desenvolvimento de pesquisas e para a produção de conhecimento no campo sociológico, mas que deve ser utilizada com a observação participante de longa duração, sensibilidade para a compreensão de como um grupo ou comunidade se relaciona, de uma descrição minuciosa das dinâmicas e um comportamento ético do/a pesquisador/a.

Palavras-chave: Etnografia virtual; Pandemia da Covid-19; metodologia de pesquisa.

Ethnography as a way in sociological research?

ABSTRACT

The aim of this article was to present reflections on the use of virtual ethnography in the sociological field from the criteria established by anthropology, in which the method has its origin. A review of the literature on classical ethnography has been carried out, because they offer solid parameters for the development of ethnographic making, and also on the peculiarities that involve online dynamics and virtually ethnographing. Also presented some considerations from the conduct of exploratory research developed in three groups on virtual **social** networks. Virtual ethnography has potential for research development and for the production of knowledge in the sociological field, but it should be used with long-term participant observation, sensitivity to understanding how a group or community relates, a thorough description of the dynamics and an ethical behavior of the researcher.

Keywords: Virtual ethnography; Covid-19 pandemic; methodology.

¹ Este trabalho foi originalmente publicado nos Anais no II Seminário Antropologias Contemporâneas e Fronteiras: “Reflexões em tempos de pandemia”, evento realizado pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Para a publicação nesta revista foram realizados ajustes e acréscimos. Durante a pesquisa de mestrado, supramencionada, o método da etnografia virtual acabou não sendo utilizado, pois o foco do estudo passou a ser as trajetórias de vida de mulheres que desenvolviam trabalho informal no sul do Rio Grande do Sul. Porém, a partir dos questionários aplicados foi possível a construção de uma rede de interlocuções, o que resultou em um caminho frutífero. Também considero que as ponderações e reflexões geradas no processo foram válidas por permitir um investimento reflexivo teórico-metodológico.

² Doutoranda e mestra em Sociologia pelo PPGS da UFPel. Graduanda em Antropologia e bacharela em Direito pela mesma universidade. Bolsista CAPES.

Introdução

A etnografia é um método com raízes na Antropologia e amplamente utilizada em outras áreas do conhecimento, sobretudo em pesquisas qualitativas, uma vez que possibilita o conhecimento em profundidade e detalhamento para a compreensão de realidades contemporâneas. Ela assumiu, ao longo do tempo, uma variabilidade de formas a partir de diferentes perspectivas teóricas e epistemológicas, bem como decorrentes das transformações contextuais e conjunturais dos grupos estudados. A etnografia virtual³ surgiu quando os computadores domésticos (*desktops*) e a *internet* tornaram-se amplamente acessíveis à população, momento em que paulatinamente uma diversidade de ambientes virtuais surgiram e complexificaram as relações cotidianas.

O interesse em realizar um estudo sobre a etnografia virtual foi motivado pelos desafios que atravessaram a minha pesquisa de mestrado em virtude da Pandemia da Covid-19 (2020)⁴. O projeto inicial da pesquisa tinha como proposta desenvolver uma etnografia junto a imigrantes trabalhadores/as no camelódromo central em Pelotas, no Rio Grande do Sul, com a finalidade de compreender dinâmicas, relações e interações da informalidade no mundo do trabalho, porém adaptações metodológicas foram necessárias com a necessidade de mantermos o distanciamento social.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), a fim de conter a proliferação do coronavírus SARS-CoV-2, causador da doença da Covid-19, recomendou o distanciamento social como medida preventiva. Consequentemente ocorreram mudanças nas dinâmicas de funcionamento de ensino, das ações de extensão e da pesquisa acadêmica nas universidades. A principal solução adotada foi a migração ao ambiente virtual. Em decorrência das impossibilidades para realização de pesquisa

³ Conforme Hine (200) e Gutierrez (2009).

⁴ Segundo a Folha Informativa COVID-19 da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou, no dia 11 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 30 de agosto de 2020.

presencialmente, pesquisadores e pesquisadoras, das Ciências Sociais passaram a procurar por métodos alternativos.

A etnografia virtual foi a minha escolha naquele momento, juntamente com a realização de entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2019), para dar continuidade à investigação. O que também me levou a repensar o objeto de estudo, problema de pesquisa, objetivo geral e específicos, movimento desafiador e contrário ao geralmente adotado na construção de um projeto de pesquisa. Utilizar a etnografia virtual também foi a de muitas outras pessoas no contexto da Pandemia da Covid-19 (MILLER, 2020; SANTOS; PEREIRA, 2021), porém devem haver cuidados para o não esvaziamento das potencialidades da etnografia.

O objetivo deste trabalho foi tecer reflexões sobre o uso da etnografia virtual no campo sociológico a partir dos critérios estabelecidos pela matriz disciplinar da Antropologia, no qual o método possui suas raízes. À vista disso, realizou-se uma revisão de literatura respeito da etnografia clássica⁵ e dos principais debates estabelecidos em torno da etnografia virtual.

Além desta introdução e da conclusão, este artigo é composto por dois tópicos. O primeiro, trata da etnografia clássica, levando em conta as contribuições de Boas (2004), Malinowski (1976), Geertz (2008), Oliveira (1996) e Peirano (2008), por oferecerem parâmetros sólidos para o desenvolvimento do fazer etnográfico, e sobre as peculiaridades que envolvem as dinâmicas *online* e o etnografar virtualmente. Para aprofundar as reflexões, o segundo tópico apresenta algumas considerações a partir da realização de pesquisas exploratórias desenvolvidas em três grupos em redes sociais virtuais.

Da etnografia clássica à etnografia virtual

⁵ Utilizo nesta escrita a expressão etnografia clássica para referir-me aos trabalhos antropológicos produzidos pelo cânone da Antropologia e os contemporâneos com reconhecimento nas Ciências Sociais. Também uso a terminologia etnografia tradicional a fim de distinguir explicitamente da etnografia virtual, uma vez que aquela pressupõe o deslocamento físico do/a pesquisador/a.

O método etnográfico tem se tornado cada vez mais plural, atendendo os desdobramentos dos processos de mudanças culturais, sociais e tecnológicas. Essa pluralidade reflete a necessidade de abordagens variadas para compreender as complexidades das dimensões sociais e suas constantes transformações e a capacidade da etnografia de se ajustar e inovar em resposta. O que reforça a importância das etnografias clássicas para definir “parâmetros de qualidade e confiabilidade em seu desenvolvimento” (MESQUITA, 2019, p. 2).

O campo de trabalho etnográfico e a própria disciplina da Antropologia, como ramo do conhecimento científico, se consolidaram em meados do século XX. A etnografia ganhou forma enquanto método com os estudos desenvolvidos pelos antropólogos Franz Boas, fundador da antropologia norte-americana e defensor do relativismo cultural, e Bronislaw Malinowski, que articulou o paradigma funcionalista (LAPLANTINE, 1996). Boas, diferentemente das perspectivas evolucionistas, predominantes no campo antropológico de seu tempo, argumentava que as culturas deveriam ser estudadas em seus próprios termos, em vez de serem avaliadas em relação a um padrão cultural, assim como enfatizava a importância do trabalho de campo de longa duração e da pesquisa etnográfica direta. Ele passou muitos anos trabalhando com povos indígenas na América do Norte, coletando dados detalhados sobre suas línguas, tradições, mitos e práticas culturais (BOAS, 2004).

Já Malinowski em sua célebre obra *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1976 [1922]) descreve suas observações realizadas do complexo sistema de comércio, chamado Kula, entre povos nas Ilhas Trobriand, um arquipélago próximo à Nova Guiné. Para além da análise deste sistema de trocas, na introdução da obra apresenta detalhadamente o objetivo de sua investigação e os métodos utilizados para a coleta dos dados, deixando explícito como põe em ação o método etnográfico⁶. Malinowski sublinhou a importância do trabalho de campo com a observação direta do etnógrafo/a com a participação da vida, dos hábitos e dos costumes do grupo estudado. Além disso, o antropólogo inovou na sistematização e organização da experiência etnográfica de forma científica.

⁶ Malinowski destaca que para a realização de uma boa pesquisa etnográfica deve haver um conhecimento profundo da teoria, ter boas condições de pesquisa e aplicação de técnicas e registro de dados (como diários de campo).

Nos anos 1960, surge a antropologia interpretativa, abordagem hermenêutica proposta por Clifford Geertz (2008). Partindo de um conceito semiótico de cultura, o autor entende que a prática antropológica consiste na etnografia e seu objetivo incide na elaboração de uma “descrição densa”, na qual cabe ao pesquisador/a explicar de maneira minuciosa como as dinâmicas sociais constroem “teias de significados” (GEERTZ, 2008). As pessoas, de uma determinada sociedade, estão imersas em um conjunto de símbolos e signos tecidos por elas mesmas, daí a importância para Geertz da observação direta e da coleta de dados em primeira mão para se apreender com profundidade as práticas culturais e sociais.

No Brasil, importantes princípios metodológicos foram e são desenvolvidos por cientistas sociais. De acordo com Roberto Cardoso de Oliveira (1996), as etapas da etnografia estão associadas aos efeitos cognitivos relacionados ao olhar, ouvir e escrever, que assumem um sentido particular de natureza epistêmica no fazer antropológico. Oliveira destaca que, para se alcançar a apreensão dos fenômenos sociais, o olhar e ouvir devem ser “disciplinados pela disciplina” (1996, p. 15).

A preparação para a ida a campo exige apropriação de conhecimentos produzidos sobre a temática e do grupo a ser pesquisado, para que no campo o olhar esteja moldado e disciplinado pela teoria. Posteriormente, o processo de escrita é o momento onde o conhecimento se torna mais crítico, pois é na análise que o pensamento torna-se produtor de um discurso (OLIVEIRA, 1996). Conforme Mariza Peirano, o fazer etnográfico é a teoria em ação, “emaranhada nas evidências empíricas e nos nossos dados” (PEIRANO, 2008, p. 3). Peirano afirma que o trabalho etnográfico é atravessado constantemente pela teoria e é indissociável à prática. Para a antropóloga, a etnografia vai além de ser uma metodologia ou de uma prática de pesquisa:

É nesse contexto que sugiro que a (boa) etnografia de inspiração antropológica não é apenas uma metodologia ou uma prática de pesquisa, mas a própria teoria vivida. Uma referência teórica não apenas informa a pesquisa, mas é, ela mesma, o par inseparável da etnografia. **É o diálogo íntimo entre ambas, teoria e etnografia, que cria as condições para a renovação e sofisticação da disciplina** — a “eterna juventude” de que falou Weber (PEIRANO, 2008, p. 1) (Grifos meus).

Uma das principais contribuições da etnografia para a Sociologia é a sua ênfase na imersão no campo de estudo que permite o cruzamento de vários pontos de vista sobre um mesmo objeto (BEAUD; WEBER, 2014). De acordo com Uwe Flick, este método explora um fenômeno social particular, trabalha com dados não estruturados – o/a sociólogo/a não vai a campo com um conjunto de categorias analíticas completamente fechadas – e com forte teor descritivo (FLICK, 2004).

Segundo a socióloga Florence Weber e o sociólogo Stéphane Beaud (2014), são três elementos básicos para o desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica: o interconhecimento, a reflexividade e a longa duração. O interconhecimento trata-se de pesquisar de perto e de dentro de um grupo, para que se descubra e compreenda como se organizam os seus sistemas de significados culturais, pois é na interação que os indivíduos compartilham conhecimento mútuo sobre si mesmos, suas identidades, experiências e perspectivas.

A reflexividade refere-se a atenção do/a pesquisador/a em campo ao observar e analisar o que se passa ao seu redor e em relação às suas próprias ações e reações. Para uma compreensão profunda das práticas culturais, normas sociais, estruturas de poder e significados simbólicos que permeiam a vida social, os/as etnográficos/as devem passar um tempo significativo vivendo e participando da vida cotidiana das comunidades, com isso configura-se a longa duração (BEAUD; WEBER, 2014).

Assim, ao longo do tempo a etnografia se desenvolveu, ultrapassando fronteiras disciplinares, refletindo uma ampla gama de perspectivas teóricas e epistemológicas, assim como das transformações sociais. Essa variabilidade de formas da etnografia reflete o desenvolvimento contínuo do método e evidencia a sua capacidade de responder às mudanças sociais, culturais e políticas.

A partir de meados da década de 1990, surgem vários estudos com o objetivo de investigar experiências sociais que utilizam como suporte novas tecnologias, baseadas no uso da *internet* como forma de sociabilidade (MESQUITA, 2019). Com a popularização dos computadores pessoais (*desktops*) e o surgimento da *World Wide Web* (WWW), a *internet* se tornou uma ferramenta de comunicação e compartilhamento de informações amplamente acessível (HINE, 2000). Com as

mudanças da vida cotidiana e das relações sociais decorrentes, cada vez mais imersas nos contextos da conexão *online*, a etnografia ganha uma nova conformação.

A evolução das mídias, das tecnologias da informação e da comunicação permitiu que as pessoas estabelecessem novas formas de se relacionar e por novos meios, como pela comunicação mediada por computador, *smartphone* e outras tecnologias, e por meio de diferentes redes sociais: *Facebook*, que foi lançado em 2004; *Twitter*, em 2006; *Whatsapp* e *Pinterest*, em 2009; *Instagram*, em 2010. Fatores que possibilitaram a construção de ciberespaços – espaços criados pela rede comunicacional formada por meios eletrônico-computacionais da qual a *internet* é parte, tensiona as noções de espaço, tempo e lugar (GUTIERREZ, 2009) – e de comunidades que existem na medida em que seus usuários ou membros estão *online*. Desse modo, não devem ser consideradas um território genérico e homogêneo.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) elencam diferenças, formuladas principalmente nos anos 1990, para demarcar as adaptações do método etnográfico desenvolvidas nas redes sociais virtuais, são eles: a) a netnografia – que envolve coleta de dados para estudos referentes ao consumo e de marketing; b) a etnografia digital – que trata da investigação que explora o uso das redes digitais, postando e interagindo com usuários; c) a *webnografia* – pesquisa aplicada de marketing na internet; e d) a ciberantropologia – possui laços mais estreitos com a cibernética, no qual é comum serem utilizadas as definições de Donna Haraway para analisar a reconstrução tecnológica dos seres humanos⁷.

A socióloga Christine Hine (2000) ainda apresenta a nomenclatura etnografia virtual, a mais utilizada nas Ciências Humanas, apesar de não estabelecer diálogos com a etnografia praticada na Antropologia (MESQUITA, 2019). A autora a define como uma etnografia realizada de, em e através da *internet*, que pode ser concebida como um meio ou uma resposta adaptativa e comprometida com as relações e que se baseia na conexão

⁷ Haraway (2009) desenvolveu o conceito *cyborg*, apresentado pela primeira vez em seu ensaio *Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-socialista no Final do Século XX* em 1985, para descrever um rompimento entre as fronteiras convencionais entre o orgânico e o inorgânico, o natural e o artificial, o humano e o não-humano. Haraway incorpora uma fusão complexa de elementos biológicos, tecnológicos e sociais, embaralhando fronteiras para propor novas formas de pensar as questões de gênero, de sexualidade, raça e tecnociência, visto que as transformações das tradicionais de dominação se transformaram em um sistema baseado nas tecnologias que desenham novas formas de poder.

e não na localização ou na locomoção para definir seu objeto de estudo (HINE, 2000). Contudo, a autora estabelece uma forte separação entre a atividade em rede e a vida *offline*, posição que Hine apresentou de forma diferente em trabalhos posteriores⁸.

As práticas na *internet* e as diferentes relações estabelecidas no ciberespaço rearranjam as dimensões entre público e privado, configurando uma complexidade porosa entre os mundos *on* e *offline* que produz normativas entre estes dois mundos. Daniel Miller e Don Slater (2004), a partir de reflexões sobre os sentidos de estar *on* e *offline*, apresentam como essa “variabilidade” de poder estar lá e aqui, de forma intermitente ou concomitante, não devem ser vistas como formas distantes. As distinções entre o *online* e o *offline* não são universalmente estabelecidas e podem variar significativamente dependendo do contexto e das interações dos/as participantes nos ambientes virtuais.

Desta forma, o/a pesquisador/a que realiza uma etnografia virtual deve considerar as condições do campo desde o início da pesquisa, a existência de características e dinâmicas próprias das redes sociais no ciberespaço, as contingências e diversidade de práticas e regras estabelecidas pelas próprias pessoas que integram os grupos. Conforme Suzana Gutierrez (2009), nos espaços *online* existe uma mediação estabelecida, inerente, pela tecnologia que se interpõe entre o/a pesquisador/a e as pessoas com quem estabelecem suas interlocuções. Os computadores e *tablets*, por exemplo, operam como filtros, pois funcionam como intermediários entre os usuários e o mundo digital, o que interfere nas possibilidades e limites de comunicação. Além destas propriedades alteraram fundamentalmente as dinâmicas sociais, estas também são influenciadas pelas maneiras e as regras como as pessoas se relacionam nas redes sociais virtuais.

Neste sentido, a socióloga estadunidense danah boyd (2007), conhecida por seus trabalhos sobre mídias sociais, aponta quatro elementos que caracterizam as redes que derivam da própria natureza digital delas. Trata-se de atributos que chama de *network publics*, que não estão presentes na vida *offline*⁹, são eles: a) *persistence*: que seria a

⁸ Cf.: CAMPANELLA, 2015.

⁹ Conforme apresentado pela professora Eliane Tânia Martins de Freitas, doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no segundo encontro do curso “As implicações da

durabilidade ou a continuidade das informações que são compartilhadas, assim, tudo que é publicado fica gravado e arquivado; b) *searchability*: “buscabilidade” de conteúdos na web, estes carregam indexadores em base de dados; c) *exact copyability*: tudo o que é publicado pode ser replicado tal qual a mensagem original; e d) *invisible audiences*: audiências invisíveis diz respeito à possibilidade das pessoas estarem invisíveis quando são publicadas informações *online*.

Outra característica desses ambientes que merece ser destacada é o seu constante processo de transformação e reconfiguração, seja em decorrência das apropriações de usos das pessoas usuárias, seja por conta da atualização dos sistemas. A celeridade da atualização dos sistemas nos ambientes digitais e o rápido aparecimento e desaparecimento dos dados em campo, pode dificultar o trabalho do pesquisador e da pesquisadora, que deve “guardar sempre que possível os rastros digitais das interações entre os atores e os sistemas” (POLIVANOV, 2013, p. 13). Dada essa intensa dinâmica do ciberespaço, a atenção ao registro das informações obtidas em campo deve ser redobrada.

Dessa forma, acredito que a prática etnográfica demonstra sua relevância quando considerados critérios essenciais, presentes nas etnografias clássicas, como a observação e interação próximas ao grupo estudado e a longa duração do envolvimento com este. Elementos que permitem uma compreensão profunda das dinâmicas sociais, culturais e comportamentais em estudo, possibilitando a identificação de características, costumes e significados que podem escapar em outras abordagens. Além disso, ela não está limitada ao mundo *offline*, pode ser utilizada de maneira eficaz no mundo *online*. Para isso, é fundamental considerar a fluidez das dinâmicas no ciberespaço, as particularidades tecnológicas e das redes sociais virtuais e entender as regras estabelecidas entre usuários.

Ao fazê-lo, a etnografia pode continuar a desempenhar um papel vital na compreensão das experiências humanas em ambientes digitais, contribuindo para uma análise mais abrangente e contextualizada da sociedade contemporânea. Considerando

etnografia on-line”, promovido pelo Laboratório de Antropologia Visual (LAV), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=odSffFKVw64>>. Acesso em: 24 de agosto de 2020.

estas questões, a etnografia virtual foi o método que escolhi, diante da necessidade de se manter o distanciamento social durante a Pandemia da Covid-19, para dar continuidade em uma pesquisa sobre a informalidade.

Socióloga *online*: algumas reflexões a partir de pesquisas exploratórias

Hoje existe uma diversidade de contextos *online* de múltiplas naturezas, finalidades, constituições e dinâmicas. Estes ambientes estão intrinsecamente ligados às diversas dimensões da vida social *offline* e tem impulsionado uma profunda mudança nas maneiras pelas quais as pessoas estabelecem relações e vínculos, expressam suas identidades, organizam-se politicamente, conduzem negócios e se inserem no mundo do trabalho. Entretanto, este movimento não ocorre de forma homogênea, mesmo dentro das dinâmicas internas de cada país.

No mundo do trabalho brasileiro, que nunca foi capaz de gerar trabalho formal para toda a população, estas transformações têm moldado a realização e organização de atividades laborais na informalidade – através de plataformas criadas por empresas como a Ifood e a Uber¹⁰ –, mas que também têm sido reapropriadas de acordo com diferentes modos de vida e práticas localizadas e pré-existentes. Redes sociais virtuais como o *Facebook* e *Whatsapp*, que foram criadas com a finalidade para compartilhamento de informações instantâneas, por exemplo, passaram a ser utilizadas também como meio para facilitar transações comerciais de produtos e serviços informalmente (MEDINA, 2017).

A informalidade faz parte da realidade de um amplo contingente de pessoas que, de outra forma, não teriam trabalho nem rendimentos no Brasil (CARDOSO, 2016). Nesse sentido, ela “pode ser pensada como uma resposta popular, espontânea e criativa, em sociedades em que o assalariamento é pouco generalizado” (PERES, 2015, p. 270). Hoje há um elevado número de trabalhadores/as inseridos/as na informalidade,

¹⁰ De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2020), o surgimento das plataformas digitais de trabalho configura-se como uma das principais transformações do mundo do trabalho na última década. No Brasil, propiciou um crescente movimento de exploração, controle e gerenciamento do trabalho, acompanhados por avanços na precarização e desregulamentação trabalhista.

majoritariamente mulheres e pessoas negras, que não possuem acesso à proteção social vinculados à formalização, como a remuneração pelo salário mínimo, 13º salário, dentre inúmeros outros (PRONI; GOMES, 2015).

Com a Pandemia da Covid-19 os efeitos foram devastadores sobre a economia do país, gerou um cenário de dificuldades, principalmente aos mais pobres, e aprofundou as desigualdades que já vinham sendo enfrentadas. Segundo os dados da PNAD Contínua Trimestral, o mercado de trabalho brasileiro teve 3 milhões de postos de trabalho fechados, sendo 2 milhões informais e 1 milhão formais, quando comparado o período de novembro de 2019 a janeiro de 2020 com fevereiro a abril de 2020 (PRATES *et al*, 2021). Após as ocupações informais recuarem, a informalidade rapidamente subiu em 2021, atingindo cerca de 40% dos/as trabalhadores/as ocupados/as (IBGE, 2022).

Durante a Pandemia, grande parte das mulheres inseridas na informalidade se viram subitamente sem trabalho e sem renda (TEIXEIRA, 2020). Além disso, as mulheres enfrentaram uma série de desafios específicos neste contexto, como o aumento da carga de trabalho doméstico e de cuidados com o fechamento de escolas e creches. Ainda, é preciso considerar que a Pandemia da Covid-19 atingiu de forma distinta as mulheres, uma vez que estas contemplam distintas trajetórias de vida e experiências a partir dos marcadores sociais da diferença (COLLINS; BILGE, 2020; SILVA; SILVA, 2021).

A partir deste contexto, passei a levantar questionamentos a respeito das consequências da Pandemia e sobre o papel do trabalho informal na vida das mulheres: Quais foram os efeitos da Pandemia da Covid-19 nos trabalhos desenvolvidos informalmente por elas? Como enxergavam o trabalho que desenvolviam de maneira informal naquele momento? Então, dado que tanto o trabalho informal no país quanto o fazer uma etnografia tradicional, inicialmente escolhido para a pesquisa no mestrado, foram afetados pelo contexto pandêmico, optou-se por reformular o objetivo da pesquisa a fim de observar a (re)articulação de trabalhadoras inseridas na informalidade através da etnografia virtual. O objetivo geral passou a ser compreender os sentidos atribuídos ao trabalho informal por mulheres durante a crise da Covid-19. O tema inicialmente escolhido para o desenvolvimento do estudo continuou sendo o mesmo, a informalidade.

Após o estudo prévio do método etnográfico virtual, o passo seguinte foi desenvolver pesquisas exploratórias¹¹, que foram realizadas em dois grupos de *Facebook* e em um grupo de *WhatsApp*. A finalidade desta etapa foi abrir o leque de possibilidades futuras e mais tarde dar continuidade do estudo em apenas um dos grupos. Nos três grupos foi possível identificar o desenvolvimento de trabalhos informais de mulheres, com a oferta de serviços (como aulas *online*, atendimento psicológico, revisão de textos acadêmicos, de *designer*, *marketing*, serviços contábeis, entre outros) e venda de produtos diversos (como roupas, cosméticos, materiais de papelaria, acessórios).

Pelas primeiras observações foi possível perceber que as dinâmicas dos grupos apresentam vários fatores distintos, mas também semelhantes (Quadro 1). Os dois grupos de *Facebook*, denominados *Mulheres que se apoiam* e *Universitários em Pelotas*, apesar de um ter abrangência local e o outro nacional, são formados por um número bem maior de membros e com postagens de naturezas diversas. O grupo *Universitários em Pelotas*, existe desde 2014, é privado e conta com a moderação de quatro pessoas, possui 43 mil integrantes, que publicam cerca de 20 postagens por dia. As postagens são destinadas à obtenção de informações, manifestação de opinião sobre temas variados e oferta de trabalhos geralmente associados ao universo acadêmico.

O *Mulheres que se apoiam*, existe desde de 2018, atua na colaboração mútua de mulheres em diversos aspectos de suas vidas, é privado e possui duas integrantes como moderadoras, conta com a participação de 46,4 mil mulheres. As publicações são, predominantemente, sobre relacionamentos afetivos (românticos e familiares), mas também voltados para a publicização de trabalhos desenvolvidos pelas integrantes. Segunda a descrição das regras:

A intenção aqui é criar um ambiente acolhedor. Qualquer tipo de preconceito, xingamento, respostas ríspidas ou debochadas e o uso de palavras de baixo calão estão proibidos. Publicações com teor político, memes, divulgação de links que não tenham como objetivo ajudar outras pessoas ou contribuir com o propósito

¹¹ As pesquisas estavam em desenvolvimento no âmbito do projeto de pesquisa *Interseccionalidades e tecnologias da informação: novas formas sociais, subjetivas e de identidade*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O projeto se propõe a analisar as consequências do espraiamento das tecnologias da informação em todas as dimensões da esfera da vida para as discussões no âmbito das questões associadas às interseccionalidades (gênero, raça, sexualidade, classe, etc).

do grupo não são permitidas (Diário de campo, Mulheres que se apoiam, junho de 2020).

Já o grupo de *WhatsApp, Moradores do Barro Duro*, possui um número menor de participantes e a natureza das mensagens são mais homogêneas. São postadas frequentemente ofertas de alimentos (bolos, doces, marmitas), eletrônicos (*notebooks*, celulares, televisões, *tablets*) e roupas. As interações entre o grupo não escapam ao objetivo de compra e venda ou pela busca de serviços.

QUADRO 1 – CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS GRUPOS EXPLORADOS

Rede social	Nome ¹²	Número de integrantes ¹³	Foco principal do grupo	Abrangência
<i>WhatsApp</i>	Moradores do Bairro Duro	230	Venda de produtos diversos (como roupas, alimentos)	Local. Grupo que congrega moradores de um bairro periférico da cidade de Pelotas.
<i>Facebook</i>	Mulheres que se apoiam	46,4 mil	Diversos (apoio emocional e financeiro)	Brasil. Com predominância de pessoas da região sudeste.
<i>Facebook</i>	Universitários em Pelotas	43 mil	Informações estudantis	Local. Grupo universitário, com estudantes da região sul do Rio Grande do Sul.

Fonte: Elaborado pela autora. 2020.

Para melhor compreensão dos grupos observados, importou considerar que o mundo virtual não está desvinculado do mundo conectado. No contexto brasileiro, poder estar *online* não é possível para toda a população, especialmente para pessoas de comunidades mais marginalizadas ou com recursos limitados. Poder se conectar envolve ter acesso de aparatos tecnológicos (como computador, *tablet* e *smartphone*), à *internet* e à disposição de conhecimentos para utilização destes. Considerar essas disparidades de acesso e participação, que foram agravadas no contexto da Pandemia da Covid-19

¹² Os nomes dos grupos foram modificados.

¹³ Trata-se de números aproximados, uma vez que há uma frequente entrada e saída de participantes.

(SANTOS; PEREIRA, 2021), contribui para uma análise e interpretação dos comportamentos e interações dos grupos observados no ambiente *online* mais apurados, bem como para evitar generalizações inadequadas e garantir uma compreensão mais precisa das dinâmicas sociais em rede.

Em 2019 no Brasil, conforme dados da Pnad Contínua (IBGE, 2020), apenas 40,6% dos domicílios tinham microcomputador, porcentagem menor em relação à registrada no ano anterior. Entretanto, os domicílios que tinham *smartphones* aumentaram de 93,2% para 94,0% entre 2018 e 2019. A *internet* era utilizada em 82,7% dos domicílios, principalmente através de *smartphone* (99,5%), seguido pelo microcomputador (45,1%), televisão (31,7%) e pelo *tablet* (12,0%). O perfil do público que tradicionalmente mais utiliza a *internet* são pessoas mais jovens, com idade de 20 a 24 anos, e com maior escolaridade, pessoas com ensino superior incompleto (98,7%) e com superior completo (98,2%).

Neste sentido, nos grupos observados foi possível identificar alguns recortes de classe, gênero, cor/raça e idade. O grupo *Mulheres que se apoiam*, por exemplo, aceita apenas mulheres como membros, mas há uma predominância de mulheres brancas e jovens. O *Universitários em Pelotas* é um grupo constituído principalmente por pessoas mais jovens e vinculados à Universidade Federal de Pelotas. No grupo dos *Moradores do Barro Duro* há a presença de pessoas de classes sociais mais baixas.

As observações realizadas e reflexões com base nelas foram registradas em um diário de campo. O diário de campo é uma ferramenta flexível e adaptável, que colabora na imersão de momentos significativos, de registros de *insights* e desafios enfrentados durante a pesquisa.

Um dos principais desafios encontrados nestas pesquisas exploratórias foi o fluxo de informações que circulam nos grupos, o que exigiu planejamento para realizar as observações e a coleta de dados de forma sistematizada. O diário de campo, amplamente utilizado nas etnografias, contribuiu para documentar as interações nos grupos, ajudando a compreender as dinâmicas que permeiam essas comunidades digitais.

Adicionalmente, foram aplicados questionários nos grupos – elaborados pela plataforma *Google Forms* – com duas finalidades principais, me apresentar como

pesquisadora que desenvolvia uma pesquisa no grupo (importante postura ética) e estabelecer contatos mais diretos com as pessoas integrantes. Os questionários foram direcionados às mulheres inseridas na informalidade com convite para participarem da pesquisa através da realização de entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2019).

Na etnografia virtual, as condutas éticas devem ser mantidas da mesma forma que na etnografia tradicional. Conforme Facioli e Padilha (2019), os Códigos de ética muito mais do que indicar parâmetros e princípios de conduta, apresentam as bases para a atuação profissional dos pesquisadores e das pesquisadoras nas Ciências Sociais.

Considerando o caso brasileiro, o código de conduta profissional elaborado pela International Sociological Association (ISA) é adotado pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) que, por sua vez, oferece as diretrizes para os códigos formulados tanto pela Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), quanto pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) (FACIOLI; PADILHA, 2019, p. 230).

Segundo Miller (2020), em conformidade com Facioli e Padilha (2019), as atenções relacionadas a condutas éticas no universo virtual devem ser observadas, deve-se garantir que as pessoas entendam por que se “está lá”, deixar explícito a natureza do envolvimento com os/as interlocutores/as, buscar preservar as identidades e saber os limites como pesquisador ou pesquisadora. Condição que sempre foi cara à etnografia e que deve ser mantida e respeitada no ciberespaço.

A aplicação dos questionários também foi motivada para viabilizar uma maior aproximação e envolvimento com os/as integrantes dos grupos, que qualquer outro tipo de etnografia exige. Daniel Miller explica que:

[...] Ao participar gradualmente da comunidade com as famílias *on-line*, como seria o caso *off-line*, você conhecerá as pessoas e, em seguida, organicamente, elas começarão a se tornar amigáveis e confiantes. Você será convidado a interagir *on-line* ou nas mídias sociais, pelo *Facebook*, no *WhatsApp* e nas demais maneiras pelas quais agora elas mesmas estão interagindo. Assim, você estará participando do engajamento que elas têm com os outros, como com você. É dessa forma que a etnografia se desenvolve naturalmente e, mais uma vez, isso dependerá da população específica em que você está e do melhor jeito de integrar-se a ela, nesse período de convivência *on-line* [...] (MILLER, 2020, p. 5).

Também faço uma outra observação: a simples aplicação de questionários não configura o exercício da etnografia virtual por si. Destaco este aspecto por ele ter sido sustentado em alguns trabalhos, inclusive na área da Antropologia, no contexto da Pandemia da Covid-19, como suficiente para que se configure uma etnografia virtual, o que provoca um esvaziamento da potencialidade do processo etnográfico. Caso determinadas pessoas fossem abordadas na rua, para que respondessem perguntas fechadas em poucos minutos, estaríamos diante de um fazer etnográfico? Não estaríamos desrespeitando os principais requisitos que envolvem o método, a necessária observação participante e o prolongado tempo no campo?

No entanto, a escolha pela etnografia virtual não impede a triangulação de métodos na pesquisa. O uso da etnografia, juntamente com questionários, entrevistas estruturadas, semiestruturadas ou abertas, por exemplo, podem oferecer caminhos extremamente enriquecedores. Minha crítica se refere a trabalhos que se apoiam somente na aplicação de questionários – sem realizar a observação participante, escritas detalhadas a respeito do grupo ou que não apresentam uma correlação entre o método e os objetivos da pesquisa – chamando isto de etnografia.

Assim, a aplicação de questionários nos grupos do *Facebook* e do *Whatsapp*, juntamente com a observação participante, apresentou-se como uma porta de entrada para o estabelecimento de contatos com interlocutoras. Houve um retorno considerável de respostas e somente duas mulheres que responderam os formulários se manifestaram contrárias à participação na pesquisa. A maioria informou morar nos estados do Rio Grande do Sul e São Paulo, majoritariamente se declararam brancas e com ensino superior completo ou em andamento, além de prevalecer pessoas com idades entre 21 e 25 anos.

Esta etnografia exploratória, iniciada em 2020 e com duração de seis meses, já foi capaz de revelar a possibilidade da extensão do método ao mundo *online*. A retomada de etnografias clássicas oferece diretrizes valiosas para a realização de um bom trabalho de campo, para a análise dos dados produzidos, além de *insights* perante dilemas enfrentados nesta etapa. Conforme pontua Peirano, olhar para os trabalhos etnográficos clássicos permite não só o reconhecimento do acúmulo de conhecimento como avanços nas reflexões teóricas. Em suas palavras: “[...] as monografias são o que a disciplina

guarda de mais precioso. A razão é óbvia: foi o aula de Malinowski que permitiu a Marcel Mauss conceber o “fato social total” e ajudou a Karl Polany a discernir a “grande transformação” no Ocidente” (PEIRANO, 1995, p. 17).

Com a etnografia virtual, podemos encontrar uma soma de dados, que talvez isolados poderiam parecer insignificantes, mas em conjunto, nos inspira a refletir sobre a representação da concentração de uma série de princípios e valores perpetuados na sociedade brasileira. Em suma:

A expansão da internet para todos os campos da sociabilidade favorece a possibilidade de compreensão de que, para que se possa observar as formas e as características pelas quais a sociedade contemporânea encontra-se edificada, há de se refletir sobre a problemática relativa à seguinte equação: se, por um lado, a sociedade depende da comunicação para perpetuar a sua existência, por outro, a complexidade inescapável do mundo infere que toda comunicação consiste em uma seleção de sentidos (VINHAS, 2019, p. 145).

As consequências do advento das mídias e das redes sociais nas relações contemporâneas permitiram o surgimento de diversos espaços ou contextos virtuais. As novas tecnologias da informação possibilitam a descentralização e comunicação em tempo real onde novas “teias de significados” passaram a ser tecidas (GEERTZ, 2008). E, se a maneira como “os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua” (SIMMEL, 2006, p. 17) mudou com o advento das tecnologias, é tarefa da Sociologia investigar sua magnitude e implicações destas mudanças.

Considerações finais

As redes de comunicação virtual remodelam as relações em sociedade e promovem alterações significativas em vários espaços, institucionais, econômicos, culturais e laborais, passando a ser um dos meios essenciais para que se teçam novos sentidos às ações sociais. O curto período em que avanço tecnológico despontou torna ainda mais complexa a busca por caminhos metodológicos que viabilizem uma interpretação adequada das consequências que ele acarreta.

Cada abordagem teórica e metodológica traz consigo suas próprias concepções sobre o que constitui conhecimento válido e relevante, influenciando tanto a produção

de dados na pesquisa quanto às interpretações. Este artigo buscou sustentar o argumento de que etnografar em espaços virtuais de socialização é um caminho desafiador, mas pode ser apropriado e capaz de proporcionar a realização de um trabalho de qualidade, assim como o método etnográfico tradicional. Para isso, necessita se orientar por parâmetros de qualidade e confiabilidade em seu desenvolvimento.

O desenvolvimento de uma boa investigação *online* deve considerar as especificidades das tecnologias e redes sociais virtuais utilizadas, bem como observadas as regras próprias do ambiente estudado. Aliados, sobretudo, a uma observação participante de longa duração, sensibilidade para a compreensão de como um grupo ou comunidade se relaciona, de uma descrição minuciosa e um comportamento ético, ou seja, às características pilares para o próprio fazer etnográfico tradicional.

A variedade de abordagens na etnografia demonstra sua flexibilidade em compreender as dinâmicas dos fenômenos virtuais, que apresentam uma gama de experiências diversas e em constante mudança, desafiando os cientistas sociais a explorarem novos horizontes. A ampla gama de temas, perspectivas e métodos na sociologia é fundamental para entender as múltiplas dimensões das relações emergentes no ciberespaço, impulsionando o desenvolvimento de teorias, conceitos e práticas metodológicas inovadoras.

Referências

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOAS, Franz. **A formação da Antropologia americana, 1883-1911**: Antologia. Rio de Janeiro: Contraponto. 2004.

BOYD, danah. Why Youth (Heart) Social Network Sites: The Role of Networked Publics in Teenage Social Life. **MacArthur Foundation Series on Digital Learning – Youth, Identity, and Digital Media Volume** (ed. David Buckingham). Cambridge, MA: MIT Press. 2007.

CAMPANELLA, Bruno. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. **MATRIZES**, n. 9, v. 2, 167-173, 2015.

CARDOSO, Adalberto. *Informality and public policies to overcome it. The case of Brazil*. **Sociologia & Antropologia**, v. 6, n. 2, p. 321-349, 2016.

COLLINS, Patricia Hill Collins; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues; PADILHA, Felipe André. Ética e pesquisa em ciências sociais: reflexões sobre um campo conectado. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 228-258, 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, [1926] 2008.

GUTIERREZ, Suzana. A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line. In.: **Anais da 32ª Reunião Anual da Anped**. Rio de Janeiro, 2009.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In.: HARAWAY, Donna.; KUNZRU, Hari.; TADEU, Tomaz (orgs). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2009.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2022. **IBGE**, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019**. Biblioteca IBGE, 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. W. Entrevista narrativa. In.: BAUER, Martin. W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

LAV - Laboratório de Antropologia Visual. **As implicações da etnografia on-line**. Curso. Ep. 2. Duração: 1h42m. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). 2020.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, [1922] 1976.

MEDINA, Andrea González. Trabajo, género y redes sociales: experiencias laborales de administradoras de bazares de ropa en Facebook. **Rev. Colomb. Soc.**, n. 40, v. 2, 129-146. 2017.

MESQUITA, Marina Leitão. Tradição e Modernidade: diálogos possíveis entre teoria antropológica e etnografia virtual. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 214, mar., p. 1-9, 2019.

MILLER, Daniel. Notas sobre a Pandemia: Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. **Blog do Sociólogo**, 2020.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia *on* e *off-line*: cibercafés em Trinidad. Traduzido do inglês por Soraya Fleischer. **Horizonte Antropológicos**, n. 10, v. 21, p. 41-65. 2004.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. **The Internet: An Ethnographic Approach**. Oxford: Berg, 2000.

OIT - Organização Internacional do Trabalho. **As plataformas digitais e o futuro do trabalho**: Promover o trabalho digno no mundo digital Bureau Internacional do Trabalho – Genebra, BIT, 2020

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP. V. 39, nº1, p. 13-37, 1996.

OPAS. Site da Organização Pan-Americana da Saúde. **Folha Informativa COVID-19**. 2020.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe** [online], 2, fev., 2008.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PERES, Thiago Brandão. Informalidade: um conceito em busca de uma teoria. Revista da **Associação Brasileira de Emprego e Trabalho - ABET**, v. 14, n. 2, 2015.

PRATES, Ian; LIMA, Márcia; SOUSA, Caio Jardim; COSTA, Gisele Silva; BERTOLOZZI, Thayla Bicalho. Desigualdades raciais e de gênero no mercado de trabalho em meio à pandemia. Informativos Desigualdades Raciais e Covid-19, **CEBRAP**, n. 7, 2021.

PRONI, Marcelo Weishaupt; GOMES, Darcilene Claudio. Precariedade ocupacional: uma questão de gênero e raça. **Revista Estud. Av.**, v. 29, n. 85, 2015.

SANTOS, Clayton Marinho dos; PEREIRA, Jesus Marmanillo. **Revista São Luís Orione**, Araguaína-TO, v. 8, n. 2, p. 53-64, jul./dez., 2021.

SILVA, Tatiana Dias; SILVA, Sandro Pereira. Trabalho, População Negra e Pandemia: notas sobre os primeiros resultados da PNAD Covid-19. **IPEA**, n. 26, 2021.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar. 2006.

TEIXEIRA, Marilane. A pandemia do coronavírus e os seus efeitos sobre as mulheres trabalhadoras. **Mulheres na pandemia**. 2020.

VINHAS, Otávio Iost. **Os sentidos da “facada” em Jair Bolsonaro**: uma análise de redes culturais online à luz da Teoria dos Sistemas de Niklas Luhmann. 164 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS. 2019.